

Preço avulso — 20 réis

GRANDE FOLHA

SEMANARIO

ILUSTRADO, LITTERARIO E THEATRAL

REDACTOR PRINCIPAL SECRETARIO DA REDACÇÃO

Joaquim dos Anjos

Hogan Teves

PROPRIETARIOS: Hogan Teves, Henrique Pereira e João Costa

Redacção e Administração — Largo do Conde Barão, 50, 2.º

ASSIGNATURAS

LISBOA — Série de 15 numeros 300 rs.
FÓRA DE LISBOA — Série de 15 numeros 400 rs.

LISBOA

15 de setembro de 1904

Editor: THOMAZ RODRIGUES MATHIAS

Composição e Impressão na Typographia d'«A EDITORA»
Largo do Conde Barão, 50

Individualidades Artísticas

Elvira Mendes

Falar de Elvira Mendes é evocar muitas das melhores noites de alegria que nos últimos annos o genero *operetta* tem desdobrado nos palcos nacionaes. Porque esta azougada actrizita tem, como poucas, a intuição artistica da *verve*, da desenvoltura a proposito, e um instincto de gaiata petulancia anima a suggestiva mobilidade da sua physionomia, desde o brilho mordente dos seus olhos andaluzes até ao rasgamento sensual dos labios, que parece não foram feitos senão para rir.

E todavia, quando a sua gentil e franzina figura appareceu aqui em Lisboa, depois do baptismo de fogo do incendio do Baquet, do Porto, dir-se-hia que tão gracioso e fragil envolucro emmoldurava apenas uma timida alma de collegial. O olhar era inexpressivo e furtivo ainda, parada a expressão, o gesto indeciso e toda a sua mimica scenica de novel debutante se resentia do que quer que fôsse d'um desarticulado movimento de manequim, com o qual a subtilidade de carnes da sua figurita quasi impubere mais exagerava a similhança.

Elvira Mendes esteve escripturada então por Souza Bastos, na Rua dos Condes, onde desempenhou, por exemplo, ignorada ainda e despercebida em meio das massas coraes, os papeis do *Sol* e *Gato Preto*, na revista *Tam-Tam*. Por signal que este arrelhiador gato preto, que a joven discipula tinha que trazer ao collo, pintado a tintas baratas, não lhe deu pequenas quesilias porque lhe enlabusava as mãos e sujava os vestidos.

Mas depois, subitamente, decorridos dois annos, Elvira reaparece em Lisboa, no

Principe Real, n'uma celebre companhia que fez furor pela grande abundancia de bons elementos de que dispunha, e então a sua evolução progressiva, em tão curto espaço de tempo, vê-se que tinha sido enorme. A desenvoltura das suas maneiras tinha já um *tic* espontaneo, natural, o olhar era malicioso e intelligente, a voz avolu-

Desde esse momento, o seu logar estava honrosamente conquistado na scena portu-gueza. Os emprezarios começaram a disputal-a, porque viam a predilecção manifesta que o publico lhe votava. Elvira abalançou-se ao desempenho de papeis de responsabilidade, estudou, viajou, engordou um pouco mais, e d'ahi a pouco estava em condições de contrascenar, sem desvantagem, com as primeiras figuras. A lista, hoje, das suas creações em theatro é enorme, sendo as mais d'ellas brilhantes, como o *Principe da Grã-Duqueza*, a *soubrette* da *Viagem de Suzette* e o *Ramirinho do Solar*.

Assim, esta discipula dilecta do inolvidavel Cyriaco, senhora agora de todos os seus recursos, que o exercicio e o estudo teem notavelmente apurado, actriz modesta e obediente, graciosa e viva como um *pirot*, dispondo de uma voz avelludada e quente, tão estridula na alegria como docemente *smorzada* na paixão, é sem duvida uma das individualidades caracteristicas e uma das figuras imprescindiveis no minguido elenco das nossas companhias de *operetta*.

Quem a tem, que a conserve.

ABEL BOTELHO.



ELVIRA MENDES

mára, n'um bello timbre e n'uma arrogancia que a fazia por vezes indisciplinada. E para em tudo ser completa a transformação n'esta creaturita feita para o agrado e para a evidencia até a sua dubia plastica de ephebo melhorára, e uma harmoniosa conjugação de curvas discretas vestia agora voluptuosamente a escorrida estreiteza das fôrmas primitivas.

Felicito-me pela insistente reclamation minha, a quem competir, de um codigo theatral.

Ha dias li em uma correspondencia de periodico portuense, emanada de um membro do conselho dramatico, que é urgente uma lei organica de theatro e que nisso se pensava no alludido conselho.

E' morosa e complexa a elaboração do codigo, por depender da consulta e exame critico comparativo de legislações similares estrangeiras attinentes á importantissima materia; não desperdiçando, porem, o tempo e trabalhando, proficua-

MISCELLANEA
THEATRAL

XXIX

mente, aquella corporação consultiva, não me parece que sejam necessários annos e annos, para a conclusão do projecto de organização juridica do theatro portuguez. Bastaria algum amor verdadeiro ao theatro... e ao estudo afincado do seu viver.

Cabe, pois, ao GRANDE ELIAS a modesta, mas evidente gloria, de haver tomado a dianteira a toda a imprensa em uma questão, que se liga intima e perduravelmente com direitos e deveres sacratissimos de todos os productores da obra scenica, que são milhares de individuos...

Habituaados como estamos a confundirem-se e baralharem-se, na analyse e discussão de elementos constitutivos das instituições de qualquer categoria, os homens, que as representam e as exercem, com as mesmas, capacitar-se-hão, talvez, os leitores de que no succinto, mas accentuadamente exposto, nos dois artigos precedentes, eu seria movido por antipathias ou dissidencias de qualquer especie com os srs. Alberto Pimentel, C. Posser, Ferreira da Silva e Fernando Maia.

Testifique-se que são cordialissimas as minhas relações pessoas e de imprensa, quando ha 3 annos redigi as *Semanas theatraes*, com aquelles cavalheiros. Não os atacamos, combatemos, porem, a lei na parte que dá poderes limitadissimos ao commissario e não lhe confere attribuições, taes como á luz dos altos principios reguladores de theatro — solida e seriamente organizado — deve de ter um commissario, a quem não é licito e pertinente negarem-se o direito e o dever de fiscalisar, intelligente e energicamente, qualquer peça, desde a primeira leitura até aos derradeiros retoques de encenação, superintendendo sobre a natureza e applicação technica dos elementos geradores da maxima perfeição na sua execução.

Desta fórma já se obteria um *optimum* na realisação de TODAS as exigencias litterarias e estheticas, porque o commissario havia de ser um individuo versado em litteratura especial de theatro e um profundo entendedor, pródigo de saber e finissimo gosto critico em artes e sciencias dramaticas.

Não deveria ser uma commissão burocrata, como actualmente, em cujo provimento a politica interveio muito á vontade, recompensando com ella serviços verdadeiros ou suppositicios prestados ao partido, e por isso merecedores daquella prebenda!

Se o estado crê ser impreterivel a sua interferencia no presente regimen societario do theatro de D. Maria, não carece desta entidade para atalaia a moral publica. Confie ao conselho dramatico esse cargo, e para informar o governo de qualquer questão que surja na vida de relação da sociedade artistica, um bom codigo theatral e o conselho o esclarecerão. No regimen de exploração do estado, pelo qual, consoante exporemos, nós votamos, nesse, então, o commissario é o administrador com todas as attribuições directrices e governativas, é o gerente unico e supremo, subordinado unicamente do ministro do reino.

E' evidente que opinando nós pela ampliação da esphera fiscal do commissario, na hypothese da vigencia da lei actual, não quereríamos por forma alguma que elle interferisse autoritariamente com veros successivos, o que seria um impedilho ao andamento dos trabalhos de encenação e montagem das peças, mas que fosse bastante habil para notar defeitos, e em acôrdo com o gerente, fazê-los remediar, em ordem a que as peças fossem o melhor possivel a todos os respeitos que as consideremos.

Impediria, pelos meios de que um espirito illustrado e *especialista em theatro* dispõe, que houvesse lapsos e imperfeições, que provavelmente não viu o gerente preocupado com as variadissimas obrigações administrativas, e sendo elle, como é natural, um actor de superior classificação, atarefado com o escavar de successivos e intrincados papeis, que só elles absorvem o tempo, deste restando pouquissimo para repouso, quanto mais para multiplicas applicações e cancelas da gerencia.

No tempo do Santos, este tratava de ensaiar as peças coadjuvado pelo A. Chaves, representar brilhantemente os seus papeis, e o Pinto administrava.

Com os Rosas e Brazão, eram tres gerentes, dividiam por elles a tarefa.

Essas empresas, porém, eram livres, não estavam obrigadas para com o poder central por tantas clausulas como a actual sociedade, cujos membros, em compensação, disfructam vantagens e regalias, que tambem lhes impõem encargos, que aos poderes publicos não era justo decretar aos antigos adjudicatarios.

O theatro normal deve ser gerido pelo estado, é esta a minha opinião arraigada e fortalecida philosophicamente com os exemplos de fóra e mesmo

os de casa, profundamente debatida entre mim e homens eminentes, taes — Duarte de Sá, Luiz da Costa, Cesar de Lacerda, ao qual devo uma das maiores honras que hei recebido no dilatado lapso de critico theatral e no exercicio de professor particular de declamação e arte de representar e examinador em 1874 no Conservatorio, por me manifestar amiude o vivo empenho de eu ser collocado á frente do theatro normal, organizado este devidamente, fóra de qualquer morbida influença politica, o que pode ser confirmado pelo seu illustre e dilecto filho Augusto de Lacerda.

Devo á memoria do insigne dramaturgo, um dos maiores, se não o maior como dramaturgo propriamente dito, depois de Garrett, este saudoso e envaidecedor registo da prova do apreço, que lhe mereceu o homem tantas vezes preterido tal o hei sido no professorado do Conservatorio, e que se ha 20 e tantos annos não fui desempenhar o logar de ensaiador em D. Maria, consoante me propunham Antonio Ennes e Fernando Caldeira, foi por impossibilidade emanante de meu serviço do magisterio no Collegio Militar.

No proximo artigo esboçarei os lineamentos fundamentaes do Theatro Normal.

Alfredo Oscar May.



Chuva de estrellas...

Ao Hogan Teves

Ao nosso presado amigo e collega Eduardo Pacheco, o chistoso gazetilheiro *Boccacio*, aqui agradecemos a espirituosissima poesia-charge que teve a lembrança de dedicar-nos.

N. da R.

— «Que grande actor tu és!» — dizia-lhe ella em muda adoração.
E elle bradava: — «O' luminosa *estrella*, astro, constellação, que scintillas no céu azul da Arte com uma luz intensa, has de ser celebrada em toda a parte, e, n'uma *hosanna* immensa, as grandes multidões estarecidas, e os criticos de fraque hão de prestar-te as attenções devidas.» —

N'aquella noite, a *claque* desempenhou com zelo o seu papel: nunca ella poz as mãos no... ar melhor!...

Diz a *estrella* á sahida: «E's um Novelli!
E o *grande actor* responde: «E's a Ristori!...»

Agosto de 1904.

EDUARDO PACHECO.

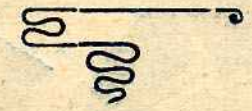
A luz da rampa

A luz da rampa tem electrico fulgor!
E' como a luz do sol, de fogo gerador, que á terra vem, dos céos, em ondas luminosas, crear-nos o pão nosso e fecundar as rosas.
A' luz da rampa, o actor o coração anima, como se aviva a flor, ao sol que vem de cima, e julga-se feliz n'essa illusão constante, até chegar ao fim, á *estrella* fulgurante, á desejada gloria, a deusa do talento, tão bella como o sol, ou mais, em luzimento.
Se a luz do santo amor afaga quem padece, á luz da rampa, então, a propria dôr se esquece, porque o seu brilho tem condão consolador, que faz ditosa a actriz e venturoso o actor.

Se é grande a luz do sol e o seu calor fecundo, tambem, da rampa, a luz se espalha em todo o mundo, para o vicio apontar ou a virtude pura, os remedios do mal, nos lances de amargura. Qual d'ellas brilha mais! Qual d'ellas é divina?
A que nos cria o pão ou a merecel-o ensina?

O' luz tão salutar! O' luz tão bemfazeja!
que exemplos vens trazer do bem que se deseja!
Tu és qual outro sol! Animas a serpente, com o fim de ensinar a fugir d'ella a gente!
Aclaras os casaes onde ha *necessidade*, para mais excitar os dons da Caridade.
A luz da rampa, emfim, aviso é de prudencia;
e do brilhante sol é divinal clemencia!

A. G.



Os assassinos do Theatro

Cartas a um amigo

VIII

Meu caro Hogan Teves.

Sabes tão bem como eu que é pelos seus livros, pelos seus jornaes e pelo seu theatro que um paiz demonstra o grau de cultura intellectual em que se encontra. Afóra a sua litteratura, uma nação só póde tornar-se conhecida ou fazer a sua historia á força de canhões. Ora eu entendo que o theatro é mais alguma coisa que um divertimento, que o palco não se fez apenas para exhibições grotescas. Póde deleitar e não prejudicar as digestões do espectador alegre, mas deve deixar-lhe alguma coisa no cerebro, deve fazel o pensar um pouco, porque nunca é demais que se diga que nem só de pão vive o homem. Se é bom que em cada paiz seja conhecido o bom theatro dos visinhos, é justo tambem que cada nação trate com carinho do seu, para poder exportal-o para o estrangeiro.

Em Portugal é já velho habito acharmos sempre a gallinha da nossa visinha melhor do que a nossa e extranhamos que a nossa esteja magra quando a maior parte das vezes não lhe damos milho.

Os nossos theatros enchem-se annualmente de traducções que vivem muitas d'ellas, nos nossos palcos, o tempo que duram as rosas dentro d'um copo com agua. As peças originaes dizem os emprezarios que ellas não apparecem, mas eu não acredito em tal. Algumas são entregues nos theatros e nem sequer são lidas. E a razão do facto está em que é muito mais facil avaliar o merito de uma peça que já foi representada lá fora do que perceber o valor da que ainda não está de pé.

A's vezes, porém, o agrado que uma peça teve no paiz onde nasceu não se repete n'aquella para onde foi transportada, porque se encontra n'um meio que não é o seu, porque a sua acção e as suas personagens são desconhecidas da maioria dos espectadores.

E como gosto muito de ditados e rifões, é n'esta altura apropriado lembrar que cada terra tem seu uso e cada roca tem seu fuso.

Porque não podemos nós ter tambem um theatro, porque não hão de os emprezarios portuguezes preferir os originaes mesmo soffríveis a algumas traducções que ás vezes nem sequer encontram, da parte de quem escolheu a peça estrangeira, o preciso escrupulo na trasladação para a nossa lingua?

Porque não hão de os nossos actores apresentar mais vezes typos perfeitamente nossos, figuras que elles muito bem conhecem e a que, por isso, podem dar todo o preciso brilho de interpretação?

Leiam os srs. emprezarios com cuidado todas as produções originaes que lhes enviam e não se fiam demasiado no exito de muitas traducções, que assim terão não só concorrido eficazmente para o levantamento no theatro nacional, mas assegurado até a propria existencia das suas casas de espectaculos.

Teu velho amigo

ANTONIO NOGUEIRA.



Pitos d'«O Grande Elias»

Quaes são as *partes* (papeis pequenos) que são sempre destinadas ao emprezario e ao ensaiador?
— São as *partes de dcnte*.



MOVIMENTO THEATRAL

No theatro do [Gymnasio deve estrear-se esta época uma nova actriz, de nome Deolinda Barreiros.

** A operetta **Solar dos Barrigas** volta novamente á scena no theatro Avenida ainda esta semana.

** Segundo consta, ainda não está liquidada a questão entre o empresario Souza Bastos e o actor Pinto Costa.

** Provou-se hontem no theatro da Rua dos Condes o primeiro quadro da revista **Vivinha a saltar!** de que vae fazer-se *reprise* n'aquella casa de espectaculos para reaparição da actriz Mercedes Blasco.

** Depois da peça **O relógio magico**, actualmente em ensaios de recordação na Trindade, representar-se-ha n'aquelle theatro a peça de grande espectáculo **Robinson Crusóé**, que é um *arreglo* de Eduardo Garrido.

O papel de Diavolino, do **Relógio magico**, creado ha cinco annos pela actriz Rosa Paes, vae ser agora desempenhado pela actriz Bella Dyson Vaz.

Em seguida deve subir á scena, segundo consta, uma revista do anno intitulada **Raios X**.

** Já começaram no theatro de D. Maria os trabalhos preparatorios para a montagem da peça em verso **Rei Lear**, extrahida por Julio Dantas da obra de Sakspeare.

O scenario vae ser pintado por Manini e Augusto Pina.

** O *Mundo Elegante*, de Paris, publica os retratos das actrizes portuguezas Maria Pia, Carmen Cardoso e Palmyra Bastos.

** Cinira Pclonio fez beneficio no Rio de Janeiro com a comedia **Quasi** (*Moins cinq*), traducção de Arthur Azevedo.

** O estimado empresario do theatro da Trindade, o sr. Affonso Taveira, regressou hontem do Porto. Ha dias que alli se conservava, por causa do arrendamento do theatro do Principe Real.

As negociações travadas entre a administração da casa Cardoso e o estimado artista não se ultima ram por o sr. Affonso Taveira achar exaggerado o augmento de 500\$000 réis sobre a quantia de 4:500\$000 réis por que, até agora aquella casa de espectáculos tem andado arrendada.

Estimamos sinceramente que breve se resolva qualquer coisa pratica, para assim não estar o publico portuense privado do seu theatro favorito.



THEATRO ESTRANGEIRO

Ermete Navelli estreou-se em 28 de agosto, com extraordinario exito, no Theatro da Opera, de Buenos Aires.

** Sarah Bernhardt mandou pintar em Italia, á casa Revescalli, todo o scenario para a *Sorcère*, de Sardou, que tenciona representar na sua proxima digressão por diversos terras.

** Intitula-se *Monsieur de La Palisse* a nova operetta, de Robert de Flers e Caillavet, que vae subir á scena nas *Variétés*, de Paris. A musica é de Claude Terrasse.

** Está em ensaios nas *Variétés*, de Paris, o *Barba Azul*.

** Realizou-se ha dias, na Opera Imperial de Berlim, a 300.^a audição do *Cavalleria Rusticana*, de Mascagni.

Os jornaes d'aquella cidade consagram artigos a esse acontecimento, accentuando que nunca nenhuma opera teve alli tão grande triumpho.

Qual é o empregado de theatro que *escarnece* mais dos actores?

— E' o cabelleireiro que não deixa em certas peças de lhes dar algum *bigode*.

Joaquim dos Anjos

14 — IX — 904

O *Grande Elias* embandeira hoje em arco e põe luminarias, não para recordar a outhorga da Carta ou a queda dos Filippes, mas para celebrar consuada em familia.

E dizemos em familia, porque são de casa tanto o festejado como os festeiros — circumstancia esta que decerto muito tem contribuido para que os governos ainda não decretassem este dia de gala nacional. . .

Ora pois. Como diria o morgado da celebre peça theatral, fez hontem, quarta feira, 48 annos, appareceu á luz o filho que depois veio a ser pae do *Grande Elias*.

Creceu (e não sabemos se se multiplicou, como manda a escriptura. . .); appareceu no palco da vida, que é um pouco mais inclinado que os outros palcos de que ordinariamente aqui se trata, e foi, e é, n'essa mesma vida, o que todos sabem: um philosopho por fóra e por dentro, com talento por dez, com character por vinte e com modestia por mil.

Pois com todas estas qualidades, já hoje raros nos varios meninos bonitos que por ahi asneiam, não é ainda nem amanuense, nem director geral, nem ministro, nem conselheiro de Estado. E' o Joaquim dos Anjos, simplesmente. E' assim



Joaquim dos Anjos

que todos o conhecem e que todos o admiram, com bastante magua nossa, que alguma coisa comeriamos á mēsa do orçamento, se um dia o pilhassemos nos conselhos da Corôa, como era de justiça.

E' o Joaquim dos Anjos, e está dito tudo. Bom poeta, bom camarada e esplendido character, pode dizer-se que tem em cada conhecido um amigo, e isso explica o facto de contar mais amigos que o sr. Costa Pinto, que afinal é o querido amigo de toda a gente. . . Tambem como aquelle celebre Neves Pinto de quem resa a lenda (as citações vão favoraveis aos pintos. . .) não faz, mas desfaz os annos. E por isso, ao chegar ás 48 rissonhas primaveras, promette metter no escuro Mathusalem e outros veneraveis macrobios. . .

Pois que Deus o conserve por muitos e dilatados annos, são os votos da rapaziada cá da casa. Assim seja.

14 de setembro

A Joaquim dos Anjos

Amigo, presentemente, ando *passado*, eu lhe juro, pois qu'ria dar-lhe um presente e não tenho, francamente, nem *presente*, nem *futuro*.

O que me vale é ter fé e alguma esp'rança em verdade, de haver um *port-monnaie*, qualquer dia por merecé da beindita Caridade.

Faça os annos n'esse dia quando eu tenha alguns vintens, e verá que bizzarria, com que prendas de valia eu lhe mando os parabens!

*
* *

Ente que nasce *dos anjos* não pode ser typo bellico, d'esses mundanos marmanjos que só pelem p'ra arranjos, porque hade ser sempre *angelico*.

Pois, n'este dia, o Joaquim dos Anjos nasce e não chora. E' seu pae um Cherubim, seu avô um Seraphim e a mamã, a terna Aurora.

Parabens mando ao petiz por bocca do lindo Apollo. Que Deus o faça feliz e as musas cá do paiz o tragam todas ao collo.

AUGUSTO GARRAIO.

A Joaquim dos Anjos

N'uma recita que em sua honra se effectuou no Theatro do Rato, na noite de 5 de outubro de 1901

Quem não conhece o artista que é motivo de ovação, o poeta e idealista, que as palmas hoje conquista por talento e condição?

Pois quê! Não honra elle a Arte, em que é eximio cultor? E do saber não reparte em versos por toda a parte o melhor do seu valor?

O seu canto, assaz sublime, E' um nucleo de grandeza! na feição jamais opprime. . . porque é d'alma, e só exprime amizade e gentileza.

Honre-se em festa o talento em homenagem dilecta, porque em prol do pensamento está do artista — um portento! o seu éstro de poeta.

ANTONIO JOSÉ HENRIQUES.



PALCOS PARTICULARES

Club Dr. Rebello da Silva

Depois de um longo interregno, realisou-se no domingo passado, n'este club, um deslumbrante sa-
rau dramatico, que primou não só pela sua boa organização, mas tambem pelo excellente desempenho que lhe imprimiam os seus interpretes.

O espectáculo, que agradou immenso, compunha-se de um acto *Folies bérgeres*, e da engraçada comedia de Ernesto Rodrigues, *Arte de Montes*, tomando parte n'este, as apreciadas amadoras, D. Thereza Santos, e os srs. Alfredo Silva, Antonio Santos, Antonio Cunha, Agostinho Silva, Francisco Pinto e João de Oliveira, que foram justamente applaudidos.

A parte musical foi primorosamente executada pelos srs. Lindorpo Navarro e Eduardo de Oliveira.

Terminado o espectáculo organisou-se a *soirée*, que correu animadissima, prolongando-se até ás duas horas da madrugada.

Club Recreativo

Conforme estava marcado, realisou-se no sabbado passado uma recita extraordinaria para inauguração da nova séde d'este club, que se encontra

agora magnificamente installado no antigo theatro da rua da Arrabida, um dos melhores que tem existido em sociedades particulares. A direcção d'este club, que tem sempre diligenciado proporcionar aos seus socios as melhores condições de estabilidade e as mais deslumbrantes festas, acaba de fazer notaveis melhoramentos n'aquelle theatro, tornando-o o mais alegre possivel, já pelas bellas decorações que lhe introduziu, bem como abrindo um magnifico salão, para evitar que os bailes tenham de ser dados na propria sala de espectaculos, poupando assim o trabalho de arrumação de platéa e a perda de tempo.

Feita a visita ás diferentes dependencias da nova séde e tomadas as devidas notas das explicações tão amavelmente dadas por um dos seus directores, passámos á sala de espectaculo para assistir á recita, que começou pela representação da comedia (do repertorio do theatro de D. Maria II) em tres actos, original de Rangel de Lima, *Como se enganam mulheres*, seguindo-se a engraçada comedia em dois actos, do repertorio do theatro do Gymnasio, *Hotel Luso-Brasileiro*. Estas duas comedias foram habilmente representadas pelo distincto grupo dramatico d'este club, onde se encontram amadores de incontestavel valor artistico, tendo sobresahido na comedia a distincta amadora D. Elvira Barros que mais uma vez nos revelou os seus bellos dotes artisticos, D. Rosa Barros, D. T. Marreiros e os applaudidos amadores srs. Raul Leal, Augusto Moreira e Augusto Carvalho que foram justamente applaudidos.

Na segunda comedia, cujo desempenho estava a cargo de quasi todos os amadores d'este club, salientaram-se, além das amadoras D. Elvira Barros e D. T. Marreiros, que estudaram muito bem o idioma brasileiro sem se desmancharem no decorrer da peça, o amator sr. Jorge de Souza que fez equal estudo, falando e representando muito na-

turalmente o seu papel, as amadoras D. Rosa Barros, D. Alda Salcedo e os amadores srs. Raul Leal, no cosinheiro francez, Pinheiro de Mello no criado, Augusto Carvalho no trintanario gallego e Julio Amado no cocheiro, que provocou gargalhada constante.

Todos os amadores no final do espectaculo foram chamados ao palco, sendo victoriosamente applaudidos, bem como o distincto amator sr. Antonio Ribeiro, encarregado da encenação d'este grupo.

Muito acertada a parte musical pelo sextetto Henrique Santos.

Tauromachia

Praça do Campo Pequeno

18.^a corrida

Não viu, infelizmente, coroados os seus esforços a empreza da nossa praça, com a corrida que levou a effeito a favor dos invalidos bandarilheiros João do Rio Sancho e João Calabaça.

O publico preferiu outros divertimentos, e por isso a praça teria, o muito, um quarto dos logares occupados!

Tirando d'este numero, a imprensa, os accionistas e obrigacionistas, as entradas de favor, etc., a que ficaria reduzida a entrada paga?!

Pobres velhos!

O curro foi cedido por varios creadores, e talvez fosse este um dos principaes motivos da pouca concorrência, pois o publico já sabe que nas corridas em que os touros são offerecidos, o lavrador capricha sempre em mandar a rez mais ordinaria

que tem na pastagem. E foi pouco mais ou menos o que succedeu, com muito pequenas excepções!

Já se vê que depois d'isto a corrida não agradou a ninguem, e que os artistas tiveram que lutar com as maiores difficuldades para tirar algum partido do seu trabalho, o que nem sempre conseguiram apesar dos esforços empregados.

E é com gado d'esta ordem, que geralmente os artistas se tem que haver em corridas de beneficencia, compromettendo o seu nome e arriscando a sua vida sem a mais pequena remuneração!

Dos cavalleiros, Manuel Casimiro e Morgado de Covas foram os que conseguiram sobresahir algo, o primeiro porque lhe coube em sorte tourear o melhor touro da tarde, e o segundo pela sua valentia e fórma correcta como citou varias sortes e procurou tirar partido da rez que lhe largaram. Os restantes, Joaquim Alves, Eduardo Macedo e Victor Marques, empregaram toda a boa vontade mas não puderam salientar-se, a não ser em um ou outro ferro, pelo motivo exposto. José Bento não compareceu, por se encontrar doente.

Dos bandarilheiros, Rocha teve um par de mestre no 7.^o, a quiebro, preparando com muita intelligencia e saber, e consummando a sorte com incedível arte; Cadete, um par superior á sorte de gaiola do 2.^o, e mais um par de merito no mesmo; Torres Branco, dois pares de valor no 4.^o; Manuel dos Santos, um par a quiebro no 7.^o, que resultou descahido, e um par bom; Silvestre, Saldanha e Thadeu empregaram tambem os melhores desejos.

O publico applaudiu muito, sem excepção, todos os artistas. Era uma divida de gratidão pela sua parte, um reconhecimento justo a quem contribuia tambem para uma obra meritoria.

A direcção, regular, e seria acertada se tivesse conseguido conservar a ordem na arena.

C. A.

O GRANDE ELIAS

Um volume, luxuosamente encadernado em percalina, com titulos a ouro, contendo as duas primeiras séries d'este semanario

PREÇO 1\$000 RÉIS

Está ja á venda em todas as livrarias

Retratos contidos no volume

Taborda, Virginia, Furtado Coelho, João Rosa, Rosa Damasceno, Eduardo Brazão, Barbara Volckart, Antonio Pedro, Augusto Rosa, Cesar Porto, dr. Manuel da Silva Gayo, Pedroso Rodrigues, Angela Pinto, Ferreira da Silva, Lucinda Simões, Valle, Adelina Abranches, Quisiroz, Palmyra Bastos, Lucilia Simões, Visconde de S. Luiz Braga, Thereza Mattos, Joaquim de Almeida, Eduardo Schwalbach, Beatriz Rente, actor Simões, Marcellino Franco, Delina Victor, actor Cardoso, José Carlos dos Santos, Adelaide Coutinho, Augusto Cesar de Almeida, Emilia das Neves, actor Mattos, Maria Falcão, João Gil, Silva Pereira, Amelia Pereira, João Anastacio Rosa e Francisco Costa.

OS ULTIMOS ESCANDALOS

De Paris

Acaba de apparecer o quarto volume d'esta collecção com o titulo:

O Ultimo D. João

Preço 200 réis o volume

Pedidos á "A EDITORA"

50, Conde Barão

A' venda em todas as livrarias

Nestlé

Farinha Lactea

Lanternas

Para illuminação de estabelecimentos.—2\$000 réis por mez, incluindo gaz, manga, lanterna e consola.

Pedidos á

SOCIÉTÉ ANONYME D'ECLAIRAGE INTENSIF

Rua do Crucifixo, 116 — Lisboa

FABRICA NACIONAL PAPEIS PINTADOS

DE de DIAS TEIXEIRA & C.^a

Papeis pintados para forrar casas, papeis mates, (couchés) e lustro, etc., para Lithographia, Typographia, Photogravura, Encadernação, Cartonagens, etc.

Depositos para venda a retalho: José Narciso d'Aguiar & C.^a (F.^{os}), 13, Avenida da Liberdade, 17; José Miguel dos Santos em C.^{ia}, 102, Rua Nova do Almada, 104.

DEPOSITO GERAL E ESCRITORIO

25, RUA DE S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA, 27 — LISBOA

FABRICA NACIONAL

DE

= Tintas typo-lithographicas

CANDIDO AUGUSTO DA COSTA

DEPOSITO

Rua Ivens, 70 — LISBOA